

Anguis fragilis Linnaeus, 1758

Licranço

Lución, Slow Worm

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Trata-se do único representante da família Anguidae na Europa Ocidental. Esta família tem uma longa história evolutiva na Europa, conhecendo-se fósseis do período Eoceno, desde há 40 milhões de anos. Considera-se que o género *Anguis* evoluiu a partir de lagartos de vidro semelhantes aos incluídos no género *Ophisaurus*. Em Portugal, como no resto da Península Ibérica, encontra-se presente a subespécie nominal, *A. f. fragilis*, que ocorre em todo o Oeste da Europa. É uma espécie Eurosiberiana, que ocupa secundariamente algumas áreas Mediterrânicas. No leste Europeu está presente a subespécie *A. f. colchicus* e, no Sul da Grécia (Peloponeso e ilhas Jónicas), ocorre a outra espécie congénere, *A. cephalonica*, muito semelhante do ponto de vista morfológico.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

Tem uma distribuição mundial muito extensa que ocupa a maior parte da Europa, desde a Península Ibérica e Grã-Bretanha (embora ausente na Irlanda) até à Rússia. Atinge, a Norte, o paralelo 63° e a Sul, a Turquia, a Grécia e a Itália. No Leste penetra na Ásia, onde se estende até ao Irão e oeste da Sibéria (Dely, 1981; Cabela, 1997; Szczerbak, 2003). Na Península Ibérica ocupa a metade Norte, principalmente a Cordilheira Cantábrica e os Pirinéus, mas está ausente de grande parte do planalto Castelhana-leonês e do vale do rio Ebro. Em Espanha, tem o seu limite meridional nas Serras do Sistema Central (Gata, Gredos, Guadarrama e Ayllón) e diminui a sua abundância para leste, com o aumento da influência mediterrânica (Barbadillo & Sánchez-Herráiz, 1997b; Galán, 2002a).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

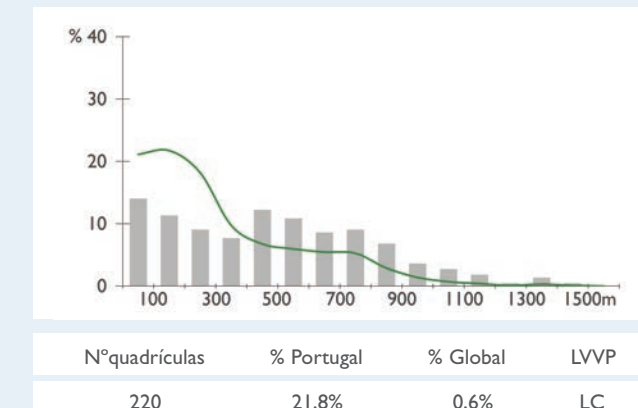
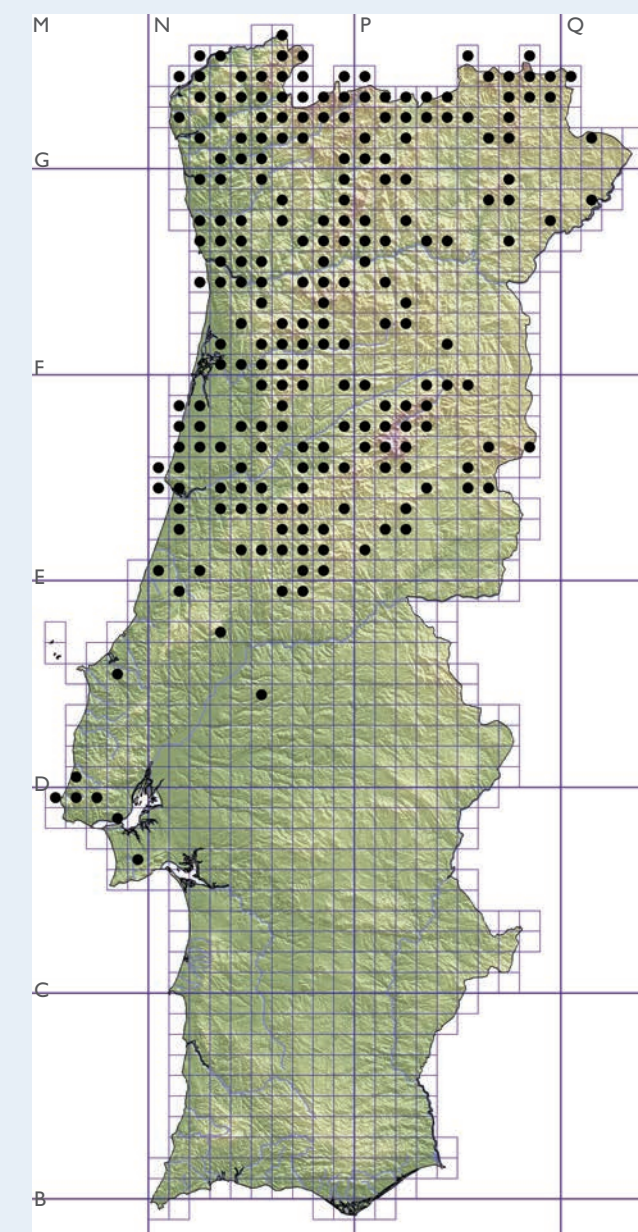
Distribui-se amplamente pelo Norte do país e, de modo mais localizado, pelo Centro (Crespo, 1972a; Malkmus, 1982a, 2004e; Crespo & Oliveira, 1989; Teixeira et al., 1996; Godinho et al., 1999; Ferrand de Almeida et al., 2001). A sua abundância diminui do Norte para as regiões centrais e orientais, e está ausente no Sul. As observações antigas no Algarve, na Serra de Monchique (Bedriaga, 1889), e em Portalegre (Ferreira, 1893), podem referir-se a populações actualmente extintas ou a identificações

erróneas. É abundante no Minho, Trás-os-Montes (excepto no leste), Douro Litoral, centro, sul e oeste da Beira Alta, e centro e leste da Beira Litoral. Para o interior, há poucas observações no Alto Douro e leste da Beira Alta. Mais para sul, na Estremadura, Ribatejo e Beira Baixa, é já muito mais escassa e a sua distribuição pontual. O seu limite sul no país, que coincide com o limite meridional ibérico, é constituído pelas populações isoladas da Serra de Sintra (Bedriaga, 1889; Ferreira, 1893; Crespo, 1972a; Malkmus, 1979a) e de Azeitão, na península da Arrábida, Setúbal (Godinho et al., 1999), esta última a sul do rio Tejo. Existe, ainda, outra observação a sul do rio Tejo (Chouto, Santarém), onde foi encontrada em simpatria com a cobra-de-capuz. Encontra-se desde o nível do mar até os 1504 m, na Serra da Estrela. A espécie é menos frequente do que o esperado nas zonas de baixa altitude (<600 m) mas abunda nas zonas de média (600-1000 m) e, especialmente, elevada altitude (>1000 m). Na Península Ibérica, a sua presença está negativamente correlacionada com o número anual de horas de sol e com a temperatura média do mês mais quente (Smith, 1998). Para o conjunto de variáveis climáticas estudadas por este autor, *A. fragilis* encontra-se presente nas localidades ibéricas mais frias, húmidas, nubladas e com precipitações mais homogeneamente distribuídas ao longo do ano. É, por isso, uma espécie higrófila, que ocupa uma grande variedade de habitats na região Eurosiberiana, principalmente aqueles que apresentam um estrato herbáceo denso, em florestas caducifólias (e.g. *Quercus*, *Betula*) e nas suas etapas evolutivas de matos, bosques mistos e pastagens em áreas rurais (Galán & Fernández, 1993; Salvador, 1998; Galán, 1999, 2002a; Ferreira & Galán, 2004). Ao contrário, na região Mediterrânica, encontra-se muito mais confinada, ocupando principalmente zonas montanhosas, florestas e matagais dos pisos supramediterrânico e oromediterrânico (Barbadillo & Sánchez-Herráiz, 1997b; Galán, 2002a). Em Portugal, estende-se muito mais pela região Mediterrânica do que em Espanha devido a uma maior influência atlântica. Tem sido localizado em pradarias de *Nardus* y *Carex* com matos de *Ulex*, *Erica*, *Halimium* y *Pistacia*, assim como em culturas e florestas de *Quercus* (Malkmus, 1982a). Na Serra de Sintra encontrou-se em pinhais (Malkmus, 1979a).

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

O estado de conservação do licranço é variável, de acordo com as populações consideradas. As que habitam a região Eurosiberiana, no Norte do país, são relativamente abundantes e amplamente distribuídas, pelo que não se consideram ameaçadas. No entanto, as que vivem na região Mediterrânica são muito mais escassas, formadas por um número muito menor de indivíduos e encontram-se geralmente isoladas em zonas montanhosas, pelo que o seu grau de ameaça é maior, especialmente no que se refere às situadas no limite meridional da espécie. As principais ameaças são a destruição do habitat e os pesticidas agrícolas. De modo semelhante ao que acontece na Galiza, esta espécie tem sido muito afectada pelos incêndios em zonas arbustivas e de matagal, assim como pelas plantações maciças de *Eucalyptus* (Galán, 1999a). Uma medida de conservação eficaz consiste na protecção do habitat, evitando nomeadamente a destruição das cercas vivas nos limites de pradarias e culturas. A espécie seria muito favorecida por medidas que fomentassem a agricultura e pecuária tradicionais como forma de conservação de paisagens agrícolas diversificadas (Galán, 1999a).

Pedro Galán



PhG



PhG



JAT